

PARA ACABAR COM OS ASSASSÍNIOS DE TODAS AS JOANAS DE PORTUGAL E DO MUNDO

07-Set-2010

OpiniÃ£o

Texto de Carlos Vieira e Castro

O que Ã© que leva um jovem com 22 anos, estudante de Engenharia do Ambiente no Instituto PolitÃ©cnico de Viseu, a matar a namorada esfacelando-lhe o crÃ¢nio com uma marreta? CÃ©me, Ã© a suspeita mais vulgar. Ã©DoenÃ§a do foro psiquiÃ¡trico? Ã© a explicaÃ§Ã£o que a defesa normalmente apresenta em tribunal. Segundo a jornalista do Ã©PÃºblicoÃ© teve acesso ao processo, a defesa de David Saldanha, o assassino de Joana FulgÃªncio, apresenta uma Ã©cronologia com vÃ¡rias idas a psicÃ³logos e psiquiatras, desde a adolescÃªncia. E diferentes diagnÃ³sticos; transtorno depressivo recorrente; dificuldade em lidar com situaÃ§Ãµes de dano, ameaÃ§a ou desafio; esquizofrenia.Ã©

Ã

A provar-se doenÃ§a mental, a pena mÃ¡xima que a mÃ£e e as amigas da Joana reclamam (em cartazes e postais espalhados pela cidade), da JuÃªza que hoje mesmo comeÃ§a a julgar David, pode nÃ£o ser a sentenÃ§a do Tribunal de Viseu, que poderÃ¡ considerar diminuiÃ§Ã£o da imputabilidade ou mesmo inimputabilidade. No entanto, o MinistÃ©rio PÃºblico acusa David Saldanha de Ã©homicÃ©dio qualificadoÃ©, jÃ¡ que teria agido de forma consciente e premeditada. Isso, agravado com o crime de ocultar o cadÃ¡ver (atirou o carro para a barragem de Fagilde, pode dar origem a uma pena de 16 a 25 anos de prisÃ£o.

Das reportagens publicadas nos jornais ficÃ¡mos a saber que Joana, que tinha 20 anos em 17 de Novembro do ano passado, quando foi brutal e cobardemente assassinada, tinha uma paixÃ£o obsessiva por David, que jÃ¡ nÃ£o corresponderia com o mesmo entusiasmo ao fim de cinco anos de namoro. No entanto, aparentemente, David considerava-a jÃ¡ sua Ã©propriedadeÃ© e queria continuar a controlar a sua vida, a maneira de vestir e os prÃ©prios amigos. Quando Joana ameaÃ§ou acabar o namoro, David terÃ¡ pensado como muitos dos assassinos de mulheres: Ã©Se nÃ£o fores minha, nÃ£o serÃ¡s de mais ninguÃ©m!Ã©. HÃ¡ quem lhe chame Ã©crime de honraÃ©.

Reparem na rapariga da foto ao lado do da bela Joana. Chama-se Aisha, tem 18 anos, e apesar do nariz mutilado, vÃª-se que Ã© igualmente bela. Aisha teve o azar de nascer no AfeganistÃ£o, paÃ©s atrasado, com tradiÃ§Ãµes primitivas. O seu pai entregou-a a um taliban quando ela tinha dez anos, juntamente com a sua irmÃ£ mais nova, para pagar uma Ã©dÃ©vida de sangueÃ© de um tio. Teve uma vida de escrava, dormia com o gado e era espancada. Por ter ousado fugir, foi presa. Por ter envergonhado o marido, fazendo-o Ã©perder o narizÃ© (expressÃ£o usada na cultura Ã©pashtunÃ©), este cortou-lhe as orelhas (talvez para nÃ£o voltar a ouvir o apelo da liberdade e/ou do amor).

No IrÃ£o, na NigÃ©ria e noutros paÃ©ses muÃ§ulmanos hÃ¡ mulheres que sÃ£o condenadas Ã morte por apedrejamento, pela simples suspeita de adultÃ©rio ou por terem engravidado fora do casamento, mesmo que estejam divorciadas.

Noutros paÃ©ses do MÃ©dio Oriente, mas, sobretudo, em Ãfrica, todos os anos, cerca de 2 milhÃµes de meninas e raparigas sÃ£o vÃ©timas de mutilaÃ§Ã£o genital feminina, ficando incapacitadas de experimentar, para o resto da vida, o prazer sexual, atravÃ©s da remoÃ§Ã£o total ou parcial do clÃ©toris e da excisÃ£o.

Os homens sempre deitaram mÃ£o das leis civis e religiosas para imporem e manterem a dominaÃ§Ã£o sobre as mulheres. NÃ£o Ã© por acaso que o Vaticano publicou no passado dia 14 de Julho as Novas Normas sobre os Delitos Mais Graves, segundo as quais uma mulher que seja ordenada no sacerdÃ©cio serÃ¡ automaticamente excomulgada, o que poderÃ¡ nÃ£o acontecer a um padre que cometa o crime de pedofilia.

Por outro lado, a hierarquia catÃ³lica, ao continuar a penalizar os divorciados e a defender o casamento Ã©atÃ© que a morte vos separeÃ©, estÃ¡ a legitimar o sentimento de propriedade privada com que muitos homens justificam os maus tratos e atÃ© a morte das mulheres Ã© Ã©se nÃ£o fores minha, nÃ£o serÃ¡s de mais ninguÃ©mÃ©. HÃ¡ excepÃ§Ãµes como a do BiliÃ©dio Leandro, que considera que um casamento Ã© nulo quando deixar de existir amor ou houver violÃªncia na relaÃ§Ã£o.

Este ano jÃ¡ foram assassinadas pelos maridos, namorados ou ex-companheiros, 13 mulheres, sÃ³ atÃ© 30 de Julho. Apesar da violÃªncia domÃ©stica passar a constituir crime pÃºblico desde 2000, e aumentarem as queixas, sÃ³ estÃ£o 59 homens a cumprir pena de prisÃ£o, sendo que destes sÃ³ 8 entre seis e nove anos e apenas 4 cumprem penas entre os

os quinze e os vinte anos de prisÃ£o, por homicÃ©dio.

Em Espanha há juízes e tribunais especializados e os agressores ficam sempre presos preventivamente, independentemente da gravidade da agressão. Um tribunal da Finlândia condenou um homem a uma multa de 3.000 euros por ter chamado «covaca» e outros improprios à ex-mulher. Em Portugal, os juízes apenas decidiram usar 9 das pulseiras electrónicas recentemente disponíveis para impedir que os agressores se aproximem das vítimas.

Um estudo da Universidade do Minho concluiu que a violência no namoro entre jovens, dos 15 aos 25 anos, atinge níveis tão preocupantes como os dos adultos. O caso, ocorrido em Novembro do ano passado, de uma jovem estudante morta à facada pelo ex-namorado, em Castelo Branco, ambos a fazer doutoramento, e o de outra jovem degolada pelo ex-namorado, ambos estudantes de Engenharia Civil, em Coimbra, mostram que o problema não é de falta de instrução, mas de falta de Educação. Educação Cívica (igualdade, liberdade, fraternidade), Educação Sexual (afectos, conhecimento, respeito), Educação Parental (respeitar as orientações sexuais dos filhos, para não criarem seres paranoicos, doentes mentais aparentados aos esquizofrénicos, com delírios de perseguição e ciúme, mas lúcidos e conscientes, que Freud atribuiu ao recalçamento de tendências homossexuais, levando a libido, impedida de se satisfazer no objecto exterior, a voltar-se para o próprio EU, tornando-se narcísica, e provocando a transformação da angústia/ frustração em ódio).

Os pais, os professores, os juízes, os técnicos do Estado (assistentes sociais, mediadores culturais, polícias, etc.) não podem continuar a reproduzir as relações de dominação patriarcais. A violência doméstica é uma vergonha nacional. É urgente exigirmos mais justiça, mais prevenção, mas contribuirmos também para o esforço colectivo para a mudança de mentalidades.

À

Texto e imagem por Carlos Vieira e Castro no Jornal Via Rápida